

A importância do “Retalhos de Histórias” e outros espaços culturais nas bordas da cidade:

Ação de Resistência para a leitura, a narração e a escuta de histórias

Aluno: Fábio Pereira de Abreu

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de especialização lato sensu A Arte de Contar Histórias - FACON - Faculdade de Conchas/ Pólo A Casa Tombada

Resumo | Este presente texto apresenta um relato de experiência sobre o espaço “Retalhos de Histórias”, idealizado por três amigos pedagogos, residentes na região noroeste de São Paulo, mais especificamente na Vila Brasilândia. São eles: Mario Sergio Cardoso, Rodrigo Lins e Fábio Pereira de Abreu. Além da atuação na área da educação em ONGs, os três aventuraram-se no mundo mágico da Arte de Contar Histórias e têm como compreensão a importância de ações de leitura, narração e escuta de histórias. A partir da apresentação da trajetória dos artistas e da invenção do espaço cultural, o texto reflete a importância e a potência desses lugares de cultura nas bordas das cidades, sobretudo onde o Estado não alcança.

Palavras-chave: histórias, leitor e ateliê.

Summary| This text presents an experience report about the space "Retalhos de Histórias", idealized by three pedagogical friends, living in the northwest region of São Paulo, more specifically in Vila Brasilândia, They are: Mario Sergio Cardoso, Rodrigo Lins and Fábio Pereira de Abreu. In addition to acting in the field of NGO education, the three ventured into the magical world of Storytelling Art and understood the importance of reading, narrative and listening to stories. From the presentation of the trajectory of the artists and the invention of the cultural space, the text reflects the importance and power of these places of culture on the edges of cities, especially where the state does not reach.

Keywords: stories, reader and atelier.

Introdução

Contar histórias é semear sonhos, esperança, ensinamentos. É alimentar a poesia, a imaginação e inspirar o ouvinte a “ver com outros olhos”. (Gislaine Avelar Matos e Keu Apoema, Narra-te cidade pg. 228)

Este presente texto apresenta um relato de experiência sobre o espaço “Retalhos de Histórias”, idealizado por três amigos pedagogos, residentes na região noroeste de São Paulo, mais especificamente na Vila Brasilândia. São eles: Mário Sérgio Cardoso, Rodrigo Lins e Fábio Pereira de Abreu. Além da atuação na área da educação em ONGs, os três aventuraram-se no mundo mágico da Arte de Contar Histórias e têm como compreensão a importância de ações de leitura, narração e escuta de histórias. A partir da apresentação da trajetória dos artistas e da invenção do espaço cultural, o texto reflete a importância e a potência desses lugares de cultura nas bordas das cidades, sobretudo onde o Estado não alcança.

A iniciativa de poder abordar os diferentes espaços para se ler, ouvir e contar histórias suscitou o desejo e a necessidade de criação, em meados de 2011, de um grupo de contação de histórias, o qual foi denominado “Retalhos de Histórias”. Inicialmente o grupo apresentava-se em eventos, escolas, festas de aniversários, entre outros. No entanto, tínhamos o sonho inicial de dispor de um espaço onde fosse possível contar histórias e proporcionar o acesso a livros de literatura para as crianças da comunidade da Brasilândia, zona noroeste da cidade de São Paulo.

Assim, o grupo foi criando corpo e trabalhando inicialmente no quintal da casa de um de seus integrantes, eu mesmo. Em meio às plantas de dona Anália, a minha mãe, e, certamente com as recomendações da mesma para não destruir seu jardim, ali começaram construindo bonecos de fantoches, teatro de sombras, malas de histórias, juntando objetos, tecidos, adereços e tudo o que poderia dar vida às nossas histórias e encantar nosso público: a ideia era apresentar àquelas crianças, privadas de acesso a equipamentos de

lazer e cultura, privadas do acesso ao livro e a leitura uma oportunidade de viajar e se encantar com histórias e livros.

Tudo foi criando vida e significado, o entusiasmo tomou conta nos ensaios de músicas, histórias e manipulação dos bonecos. Durante todo o processo de criação fomos observando olhares curiosos das crianças que brincavam ou que simplesmente passavam pela rua e olhavam os adereços e bonecos espalhados no quintal. A sensação que tínhamos era a de que queriam entrar e brincar, cantar e participar dos ensaios, aos poucos isso foi se tornando o nosso desejo: deixá-las entrar e compartilhar nossas histórias, músicas, bonecos e adereços.

Por meio dessa experiência, foram surgindo novas necessidades, por isso o grupo resolveu reunir-se para discutir e refletir melhor seus objetivos e anseios e logo foi percebido que esse trabalho não era uma forma de sobrevivência, pois cada um já tinha seus respectivos empregos formais, e que nosso perfil não era meramente comercial e também que fazer histórias em festa de aniversários não poderia ser um meio de expandir nossa arte.

O maior "estalo que repicou em nossos ouvidos" e mentes foi que teríamos que ter algo que contemplasse o público vivente ali em nosso entorno e nessa reflexão surgiu um agravante: constatamos que no entorno do "Ateliê" (quintal da casa no qual desenvolvíamos nossas oficinas) não havia nenhum equipamento cultural próximo relacionado à leitura. A não ser as escolas que não abriam aos fins de semana para atender essa demanda que se apresentava.

Foi partindo desse agravante que nós três começamos a pensar como poderíamos atingir essa população, qual seria nossa estratégia para nos comunicar com o público e possibilitar o ler, ouvir e contar histórias. Após muitas conversas e decisões, idas e vindas, discussões sobre com que recursos e qual lugar poderia ter um espaço mínimo para proporcionar livros ao nosso público e em conjunto, tomamos a decisão de organizar, pintar e arrumar a garagem da minha casa para ser a nossa pequena biblioteca e ateliê "Retalhos de Histórias".

1. Aberturas

O Mário Sérgio é um excelente pintor, o Rodrigo desenha muito bem e eu sou um ótimo auxiliar, e desse modo, juntos pensamos um projeto que mudaria toda aquela pequena garagem. De um lado a parede ficou como se fosse uma colcha de retalhos, toda remendada com quadradinhos de diferentes cores e do outro foi pintado de verde claro. E no fundo da garagem o Rodrigo fez a reprodução do desenho do logotipo que tem no cartão do grupo com o nome “Retalhos de Histórias – e Bem vindos ao mundo mágico das histórias” que ficou muito bem reproduzido na parede.

Tudo pronto e organizado em relação à organização do espaço, então era hora de garimpar o que tínhamos a oferecer àquele povo leitor. Contatamos alguns parentes e amigos que passaram a cesta em seus lares para ver o que poderiam doar de livros. Aos poucos, com esse trabalho solidário e de formiguinha, ao final de nossa campanha constatamos que nosso acervo dispunha de mais de cem livros para iniciar. Daí em diante foi só programar a data e enviar os convites pelas redes sociais.

Inauguramos o espaço no dia 06 de dezembro de 2014 com uma maioria do público infantil e uma minoria de adultos que ali estavam principalmente para contribuir com a nossa causa. O dia foi de muita gratidão e muitas histórias, com direito a empréstimo de livros contemplando todos os nossos leitores com todo aquele acervo de reuso.

No dia da inauguração a campanha de doação continuou e com a contribuição dos amigos e parceiros conseguimos chegar a um acervo composto por mais de duzentos livros, entre novos e usados. A inauguração foi um sucesso!

Nosso atendimento foi programado para acontecer todo último sábado do mês com contação de histórias e em seguida empréstimos de livros, mas logo surgiram demandas do público de se apresentarem e contarem suas histórias preferidas. É óbvio que o espaço foi aberto e assim nossos leitores

foram se proliferando. Dessa maneira, atingimos nossos objetivos iniciais: a promoção de novos leitores, ouvintes e contadores de histórias.

2. Os espaços culturais alternativos e suas potências

Com esse relato, constata-se que muitos espaços localizados nas bordas das cidades, sem muitas estruturas, podem ser potencializados e voltados para a leitura e a contação de histórias. E para organização destes espaços, é necessário pensar em maneiras de atrair a atenção do leitor, aguçando-o a adentrarem e ali permanecerem mergulhados no universo da leitura e da imaginação, que se faz necessária. Para que este espaço seja atrativo, convidativo e chamativo para uma boa leitura e exploração leitora, é importante atentar-se ao que diz o educador e escritor Edson Gabriel Garcia no primeiro volume do roteiro prático *Prazer em Ler*, produzido em parceria entre o Instituto C&A e o CENPEC (2007, p. 67):

Um ambiente leitor tem que estimular os olhos, aguçar a vontade e a curiosidade, mexer com o desejo do usuário. Estas coisas são possíveis se a vista do leitor alcançar aqui e ali, espalhados no espaço, capas de livros, livros dispostos em “cantos”, revistas disponibilizadas, recortes de artigos e outros textos informativos expostos, murais com informativos etc.

Com a decisão de montar este espaço de leitura o grupo *Retalhos de História* se torna um veículo e promotor de possíveis leitores, ouvintes e contadores de histórias, isto é, tornamo-nos mercadores, marreteiros de um mundo mágico: o universo simbólico de cada pessoa. A ação no espaço torna-se, assim, mais alcançável para ler e ter histórias; entretanto, o maior produto deste espaço é a formação de opinião desse público que vai se formando por meio dos contos e leituras propostas, e isso pode levar à reflexão de que por muito tempo a prática da leitura é vista como produto de elite e para poucos. Muitos são privados de ter esse acesso, e que no caso do nosso espaço e de lugares similares, o público vem com a contrapartida para oferecer, a esses poucos, a prática e o prazer de ouvir e ler diferentes histórias contidas em livros ou na sabedoria popular. Trata-se, portanto, de uma via de mão dupla, um espaço onde se formam e, ao mesmo tempo, nos formamos leitores.

Embora os diversos espaços e equipamentos de leitura venham ser importantes para aguçar novos ouvintes, leitores e contadores no universo das histórias, valorando o cheirar, sentir e ouvir o barulho dos livros, é de grande importância que hajam políticas públicas voltadas para esse universo, fazendo garantir, de fato e na prática, o direito à leitura.

O fato da leitura e a escrita fazer parte dos currículos educacionais e estar prescrito na *Constituição* Federal, sabe-se que na realidade ainda não nos garante a importante experiência de manusear, sentir e ler um livro, pois muitos territórios ainda não têm espaços abertos à universalidade dos moradores que lá habitam.

Considerando tudo isso, além de nosso espaço, há a escola próxima a nós, que funciona durante a semana, mas que geralmente faz um atendimento momentâneo dos anseios dos leitores e da oferta ao convite à leitura, e infelizmente é nessa mesma escola, como em muitas outras, onde o desejo leitor pode vir a morrer, e sua experiência com a leitura ser uma frustração pessoal, pelo fato da descoberta dessa leitura e escrita virem carregadas pela imposição de gêneros obrigatórios, desconsiderando o desejo leitor dos estudantes.

Contudo, mesmo com esses desencontros, o grupo buscou estímulos para articular parceria entre o espaço “Retalhos de Histórias” e a escola.

3. O encontro com a escola

Em uma tarde de sábado, dessas no fim do mês, que degustamos histórias com nossos ouvintes, ao encerrar a história *Você Troca*, de Eva Furnari, um de nossos ouvintes mais assíduos e frequentes de nosso Ateliê, o pequeno Raul, relatou um fato ocorrido em sua escola:

“- Olha, a professora da sala de leitura perguntou de vocês”.

Espantamos-nos com tal colocação, e dissemos a ele que não a conhecíamos. Ele sabiamente colocou seu entendimento:

"- Mas ela conhece vocês, pois todo mundo que vem aqui conta para ela as histórias que vocês contam aqui".

Esse relato do Raul nos ajuda a pensar nessas possibilidades de manter viva a ideia de ter os livros como apoio e ponte entre a escola e o nosso projeto. Assim essa mesma escola cumpre seu papel de valorar a leitura e a escrita de forma que garanta os direitos básicos de seus alunos perante a *Constituição Federal*, e por outro lado mantemos esse leitor da escola aguçado e vivo para diversos experimentos literários, ou seja, algo que o dito popular traduz assim: "juntamos a fome com a vontade de comer".

4. Convívios, direitos e acessos

Todo esse capital cultural, do qual fazem parte a escrita e a leitura, não podem ser ceifados do convívio de nossos futuros leitores. Neste sentido, o espaço de leitura "Ateliê Retalhos de Histórias" cumpre o papel de uma biblioteca alternativa, na qual nosso público empresta livros e têm um compromisso de devolvê-los, com acordos claros firmados entre ambos.

Contudo, fica estabelecido que mesmo que o livro não seja devolvido, ele não se perdeu, ao contrário, esse exemplar que não voltou para o seu caixote de origem pode nesse momento estar fazendo alguém feliz e satisfeito. Aquele livro deve ter despertado tamanho encanto que esse leitor quis que o mesmo ficasse com ele. A aposta é a de que lá na frente ele possa recomendá-lo e repassar para outro, e assim por diante. Por isso afirmamos o contrário que qualquer biblioteca convencional poderia constatar como perda: nenhum livro se perde quando não é devolvido.

Na sociedade contemporânea o ato de ler um livro ou parar para ouvir alguém contando uma história é um ato de libertação, portanto os espaços de leitura têm como obrigação serem libertários e deixarem com que os leitores e ouvintes de histórias fiquem livres para degustar esse vasto mundo de possibilidades que o livro apresenta.

O que o “Ateliê Retalhos de Histórias” acredita é que um espaço livre para ouvir ou ler uma história não pode ser, por exemplo, como aquelas lojas que vendem roupas e calçados, e que ao entrar na loja você não tem nem tempo de olhar o que tem para que possa ser de seu interesse, pois normalmente logo vem um daqueles vendedores oferecer ajuda na intenção de persuadi-lo a levar algum produto que esteja entulhado e não tenha saída.

Outro fator importante voltado a esse projeto de leitura se refere às escolhas do leitor, pois os frequentadores do nosso espaço de leitura também têm preferências literárias e eu não posso, ou melhor, não devo de forma alguma tentar empurrar goela abaixo o que eu gosto de ler, mas deixá-lo vivenciar as diferentes possibilidades leitoras, incluindo as formas, cheiros, texturas do livro, para que ele se delicie e viaje confortavelmente. Penso que quem leu o que escrevi lá no início desse texto pode estar me achando confuso, pois recomendei que indicássemos as leituras. Sim, não estou louco. Disse isso mesmo, mas deixo claro que quando recomendo uma leitura sou como aquele ou aquela vendedora em que você pergunta “olha, essa camisa ficou boa?” e se o cliente responder que sim, posso ainda continuar: “mas tem uma vermelha que me parece combinar mais com seu estilo”, ou seja, dar uma dica é válido, porém, impor o meu sabor literário e não deixar meu ouvinte-leitor experimentar outras sensações, pode ser um equívoco que ignora os desejos do leitor.

O espaço de leitura do nosso ateliê tem como objetivo buscar, no ímpeto de cada ouvinte nosso, a vontade de estar ali por prazer, divertindo-se, interpretando e contando suas histórias, pois ao perceber e acompanhar a evolução desses nossos pequenos leitores e ouvintes ao longo do tempo das experiências, posso ter a certeza que atingimos nosso objetivo.

Importante lembrar uma frase que li em algum lugar, mas não me lembro onde, e no entanto nunca me esqueci dela: “*a memória é o escriba da alma*”. Percebo isso ao olhar atualmente as crianças que frequentam nosso espaço, pois as vejo exercitando bem a memória e prontas para descobrirem os encantos que as histórias rabiscam em nossas alma.

Com essa sensibilidade, acredito, que em pouco tempo passarão a serem protagonistas de suas próprias histórias, dando continuidade ao legado que o grupo "Retalhos de História"s vem tentando alcançar com eles. Contudo, isso acontecerá e está acontecendo naturalmente, pois sabemos que da mesma forma como já dito acima, foi ceifado os direitos a leitura e de escrita nos nossos antepassados, sobretudo dos que vivem nas bordas das cidades, causando danos irreversíveis.

Assim sendo, não podemos cometer o erro de tentar recuperar o tempo perdido sobrecarregando nossos ouvintes e leitores e colocando a responsabilidade de revigorar nosso hábito leitor que ficou no caminhar da nossa história. A pretensão é que consigamos seguir aparentemente como uma aldeia com seu Griô, a fim de manter a tradição oral passada de pais para filhos, e assim por diante.

O contador de histórias da atualidade precisa ser um 'falador', como no livro de Vargas Lhosa. Haja vista que a intenção maior do homem ao falar não é outra se não de poder alcançar a liberdade dos sentidos, conseguindo expressar a sua cultura para outras culturas, por meio da palavra subversiva, podendo assim construir uma sociedade caracterizada pela pluralidade de significados.

Nesse sentido, um contador de histórias, independentemente do tempo cronológico de sua existência (primitivo, moderno, pós – moderno), registra mitos, ritos, símbolos, que fazem uma espécie de tecelão da tessitura da história humana. (GOMES, 2017, p. 42)

Para tentar manter essa ideia da tradição oral, partindo do pressuposto de que essa comunidade de atuação do "Retalhos de Histórias" pode ser comparada a uma aldeia, nada mais justo do que buscar na própria comunidade seus "faladores" que geralmente estão entocados em roda de conversa com amigos, festa da comunidade e principalmente nos bares. E foi justamente em um desses bares que encontramos uma voz que ecoava de um balcão tecendo essa tal tessitura da história humana, nos inundando naquele momento com seu jeito único de contar e entregando sua experiência de vida deixada em Alagoas. Esse interlocutor que faz sua voz ecoar no outro, deixando tatuado suas histórias nesse bar, atende por Zé Galego Pedreiro, e

esse homem que deixou sua terra natal tão cedo para tentar a vida aqui na cidade me presenteou com a seguinte história. Então ele contou...

“Lá nas Alagoas um dos bichinhos que mais ajudam na plantação é o passarim João de Barro. Quando ele faz a casinha dele virado pro lado de cá, é sinal que a chuva vem do lado de trás do morro, assim todo mundo faz sua plantação virado pro lado onde tem a porta da casa do Passarim. O bicho é inteligente, pois quando a chuva vem a água bate nas costas da casinha dele, a mesma coisa a gente se baseia: quando ele põe a porta pro lado de cima do morro, é sinal que a chuva vem do outro lado, aí só plantar pro lado onde tá a porta do bichinho”.

É lógico que além de uma história de sabedoria humana é também uma contemplação da irreduzível força da natureza para sobrevivência, e é exatamente isso que buscamos com nosso espaço, convidar pessoas como o Zé Galego para contar suas histórias e dividir com nossos amados leitores suas experiências, pois essa é uma das formas de fazer lacrar na vida desses consumidores de histórias essa pluralidade cultural que está disponível ali em nosso alcance, fixando esses símbolos, ritos e mitos falados na citação.

Para que todo esse conhecimento popular que vem lá das “Alagoas” e de muitos lugares sejam contados em livros, e certamente existem livros assim, há uma necessidade de acessibilidade do mesmo, ou seja, “Políticas Públicas” para que seja resgatada essa dívida histórica.

A esse respeito, diz Edson Gabriel Garcia (2007), educador e escritor que ajudou a contribuir com o Guia Prático do 2º volume do Prazer em Ler (2007, p. 43)

Uma política pública para a leitura obrigatoriamente deverá contemplar a formação de leitores, a implantação e implementação de espaços de acesso aos textos (bibliotecas, salas de leitura etc., a formação de mediadores de leitura, o incentivo á leitura e a aquisição e distribuição de acervos.

Políticas Públicas envolvem muitas pessoas, agitam idéias, põem a prova a criatividade, ensejam soluções locais.

Logo, precisamos entrar nesse assunto, mesmo que a política atualmente nos provoque até uma certa dispepsia, mas é de extrema importância saber que já são existentes alguns programas sociais de incentivo à leitura, embora ainda não funcionem em sua plenitude. Muitos estão sendo implantados a passos lentos para o fomento e melhorias ao acesso do livro e de espaços de leitura, como, por exemplo, a Lei Castilho/2018 e o PMLLLB (Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca) Lei 16.333/2015.

Mesmo percebendo a importância desses programas, as iniciativas pontuais em pequenas comunidades devem e têm de estar presentes para atender essa demanda não está contemplada pelo poder público em sua plenitude, e embora ainda devêssemos nos manter esperançosos nesses diversos programas públicos, há de se admitir que são projetos de lei demorados de chegar nas bordas da cidade, quando chegam, pois nosso país encontra-se atrasado na história, em se tratando de programas e espaços de leitura, e enquanto esses programas governamentais não chegam, impreterivelmente vamos improvisando bibliotecas e salas de leituras, e utilizando de espaços instalados em garagens, geladeiras e carroças de leituras, ponto de táxis etc.

Conclusão

Faço aqui, para concluir esse trabalho, um paralelo aqui entre os espaços garagens (Retalhos de Histórias), carroças e geladeiras de leituras ao filme da *A Menina que Roubava livros*. Em uma das cenas mais marcantes nesse filme, uma menina resgata do meio de um fogareiro um livro que está queimando e o esconde dentro do casaco, mas um detalhe importante é que a cena deveria ser ao contrário: a menina deveria estar jogando um livro ao fogo pelo fato de ali estarem guardas, sob as ordens de Hitler, obrigando aquele povo a queimar os livros para não haver formação, ou melhor, informação. Pois bem, a menina se arrisca e salva um livro. No paralelo pensante, podemos fazer a analogia que projetos como esse da carroça de leituras são também com as geladeiras que reformadas onde se põem livros. E com a garagem de

histórias que aqui já muito falada, com esses projetos resgatamos leitores e amantes de livros e histórias.

A decisão e a preocupação de haver um espaço interventivo e social voltado para se ler, ouvir e contar histórias faz com que a persona “contadora” de certa forma efetive sua ocupação de arte e cultura dentro da nossa sociedade, na realidade local, com a própria vizinhança.

Como nos lembra Lenice Gomes, no livro *Narra-te, cidade*, sobre a arte de contar histórias hoje:

Hoje, ocupo a posição de um falador, de um contador de histórias, de um narrador. Na verdade, pretendo comunicar às crianças sobre as possibilidades de sonhar, de soltar a imaginação e, conseqüentemente, de criar.

Todo contar é um recontar, um trazer para a atualidade algo que já foi lido, ouvido ou presenciado por nós. O que não podemos é perder o encanto de um conto. Para as crianças esse encanto pode ser apresentado num mundo de respeito, liberdade e dignidade. Nos contos, vamos encontrar elementos que parecem raro na atualidade, como compromissos de ajuda mútua, que unem as personagens com intensidade. (GOMES, 2017, pg 42)

Com o percurso que o "Retalhos de histórias" vem delineando, indagamos que essa propagação só será possível quando os milhões de Matheus, Ana, Gustavo, Ítalo, Emilly e etc., estiverem ouvintes e imaginativos com as histórias e com os livros. E inclusive o contador perceber, ao longo daquela história, que um desses (as) ouvintes possa estar brincando sentado no chão, puxando a orelha de um tapete de tatame ou até mesmo jogando uma pedrinha para o alto com uma mão e pegando com a outra, bem no ápice da sua performance. Diante desta cena, esse contador, bem lá no interior do seu ego, na sua mais estúpida avaliação, pode achar que não atingiu o ouvinte com aquela história ou até mesmo com sua forma de contá-la. Porém, no término da sua performance, quando o banquete em um caixote é servido, recheado de livros, gibis e revistas, naquele momento em que estiver servindo tudo para degustação, o ouvinte pode puxá-lo pela barra da calça e pedir para que o contador se abaixe, pois ele precisa cochichar algo em seu ouvido. Assim, quando se abaixar para ouvi-lo, logo vem o cochicho que pode ser voraz e ecoante, pois esse leitor fará um pedido bem ao pé do ouvido:

- Me deixa ler o livro que você contou?

Pronto!

Agora é hora de escalar a montanha e olhar nos olhos daquele ancião Africano, que, quando morre, é como se fosse queimada uma biblioteca inteira. É hora de olhar no fundo dos olhos do leitor e dizer:

- Tenho mais um livro, tenho mais uma história a salvo!

É claro que isso não é uma regra avaliativa para saber se o objetivo do trabalho e do projeto em si foram alcançados, mas com certeza é uma das ocasiões que mais nos contemplam como promotores da leitura, e que só o fato daquele público estar ali por vontade, fome e sede de histórias e livros já traz a paz e o sentido de que os trilhos confeccionados, imaginados e estruturados até aqui, leva-nos a crer que o contador de histórias e os livros jamais ficarão no esquecimento.

Antes de finalizar esse texto, é importante relatar que nosso espaço ficou sem atividades durante um ano. Ele está localizado no fim de uma rua sem saída. No final de 2017 até o dezembro de 2018, instalaram ali um portão controlado pelo tráfico de drogas. Com isso o local no qual havia magia e leitura, por ora estava tomado por usuários e vendedores de entorpecentes. Confesso que foi um ano de duras penas e dor por não poder proporcionar aquilo que nosso grupo mais gosta de realizar: contar nossas histórias e emprestar livros. Pior ainda, era constatar que justamente nesse momento primordial que atravessa nosso país com a desvalorização da cultura, precisávamos estar ativos intervindo culturalmente no envolvimento de nossa comunidade com histórias e livros. Contudo, com esse “dito cujo” portão, não poderíamos arriscar de abrir nosso espaço e deixar nossos ouvintes vulneráveis a um possível perigo de troca de tiros e até mesmo presenciar usuários em ação.

Esse um ano de inatividade nos fez repensar nossas atividades e até a reformulação do grupo, e, por motivos pessoais, o Rodrigo Linz deixou de compor conosco. Com isso convidamos o jovem músico Pedro Akimoto para ingressar e o garoto vem desempenhando cada vez melhor o seu papel.

Portanto, a formação atual do grupo "Retalhos de Histórias" ficou Assim: eu, Mário Sergio Cardoso e o jovem Pedro Akimoto.

Quanto ao tal portão, para nossa alegria, ele foi retirado no fim de 2018 e em março de 2019 retomaremos nossas atividades em nosso espaço, abrindo-o para o público do entorno e mostrando a todos a importância dos muitos lugares para ler, ouvir e contar histórias.

Sejam bem-vindos ao Mundo Mágico das Histórias!

Referências bibliográficas

Gomes, Lenice. O lugar do contador de histórias hoje. In: TIERNO, Giuliano; LIESENFELD, Letícia.(Org) *Narra-te Cidade: pensamentos sobre a arte de contar histórias hoje*. São Paulo: A Casa Tombada, 2017. p. 37-47.

GARCIA, Edson Gabriel. *Prazer em Ler*. Um roteiro prático-poético para introduzir qualquer um e quem quiser nas artes e artemanhas das gostosices da leitura. São Paulo: Instituto C&A e CENPEC, 2006. Vol. 1.

GARCIA, Edson Gabriel. *Prazer em Ler*. Registros esparsos da emoção do caminhante nas lidas com a mediação da leitura. São Paulo: Instituto C&A e CENPEC, 2007. Vol. 2.